



## Opressores-Oprimidos: Um Diálogo para Além da Igualdade Étnica

**Wilmo E. Francisco Jr.**

Este trabalho é um breve ensaio que busca contribuir para a abertura/expansão de um diálogo entre os educadores químicos brasileiros e a temática étnica. Discute-se a idéia de opressores e oprimidos apresentada por Paulo Freire e a necessidade de superação da situação opressora a partir da práxis. Em seguida, apresenta-se a disseminação de informações a respeito do envolvimento de povos africanos e seus descendentes na construção da história brasileira e de conhecimentos científicos como o primeiro passo no rompimento da situação de opressão.

► Paulo Freire, discriminação, Ensino de Química ◀

Recebido em 18/8/06; aceito em 14/5/07

**H**á muito tempo, fala-se e escuta-se sobre igualdade étnica e direitos iguais para todos. Contudo, a realidade social, impregnada não por acaso em nossa sociedade, está bem longe desse discurso igualitário, principalmente quanto ao acesso dos negros à Educação (Theodoro e Jacoud, 2005). A relação opressores-oprimidos na sociedade não é de hoje. Isso é fruto de um processo de desumanização, devido a uma distorção histórica na qual se instaura a situação opressora estabelecida pela violência de quem oprime (Freire, 2005). Tal distorção histórica pode ser entendida como uma desigualdade social iniciada pela concepção de diferença como sinônimo de inferioridade e perpetuada através dos anos. A escravização dos negros é um exemplo de uma das maiores senão a maior distorção histórica da humanidade, implicando na vida dos descendentes de escravizados até os dias atuais.

A situação opressora pela qual passam/passaram os descendentes de

escravizados decorre, sobretudo, dos danos causados pela desumanização do negro ao longo da história, como fruto do processo de escravização. Indubitavelmente, há a necessidade de superar essa situação opressora e extingui-la do bojo de nossa sociedade. Para tal, deve haver o conhecimento e, mais do que isso, o reconhecimento dessa situação, e a partir disso incidir ações transformadoras pelas quais se possa buscar o *ser mais*. De acordo com Freire (2005), a opressão é fruto da contradição opressor-oprimido, da consciência opressora e da consciência oprimida. É resultado da própria distorção histórica, da desumanização na qual aos oprimidos são negados seus direitos a educação, saúde, alimentação, moradia, lazer, respeito e reconhecimento à sua origem etnocultural, seja qual for.

**A relação opressor-oprimido na sociedade é fruto de uma distorção histórica que pode ser entendida como uma desigualdade social iniciada pela concepção de diferença como sinônimo de inferioridade**

Por isso, também concordamos com Freire quando este defende a “radical exigência da transformação da situação opressora” (Freire, 2005, p. 40). Entendemos a idéia de *radical exigência* como um combate ao “imobilismo subjetivista que transformasse o ter

consciência da opressão numa espera paciente de que um dia a opressão desapareceria por si mesma” (Freire, 2005, p. 40-41). É nesse sentido que emergem as ações afirmativas

(Santos, 2005), pois a espera paciente de que essa opressão cesse por si não modificará as estruturas tão logo. Cabe aos oprimidos e aos que realmente se solidarizam com eles (nós, educadores) lutar por essa libertação. “Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (Freire, 2005, p. 34). É necessário fazer algo de concreto.

Isso implica em uma modificação

A seção “Espaço aberto” visa abordar questões sobre Educação, de um modo geral, que sejam de interesse dos professores de Química.

estrutural cujo primeiro passo é inserir criticamente a população e os educandos nessa realidade opressora. Para tanto, deve ficar claro que tanto em nosso olhar quanto no olhar de Freire inserção crítica e ação são sinônimos, pois não há inserção crítica sem que haja ação. Em nossa acepção, a ação é, em um primeiro momento, conhecer, para depois reconhecer, valorizar e disseminar as diferenças etnoculturais como forma integradora. Assim, pode-se desvelar a situação opressora ao mesmo tempo em que se busca a libertação. É importante que se tenha em mente que a libertação da opressão é realizada com os oprimidos e não para eles.

De acordo com Freire: “só através da práxis autêntica que, não sendo ‘blábláblá’, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo” (Freire, 2005, p. 42). Ainda na visão de Freire: “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (Freire, 2005, p. 42). Esse é um dos grandes desafios de uma educação humanizadora na qual acreditamos. Dialogar com nossos educandos para que estes possam não só refletir, mas se postarem criticamente contra a discriminação etnocultural.

### A discriminação na Ciência

Na maioria das vezes quando falamos em Ciência, é totalmente desconsiderada a dimensão de Ciência e tecnologia dos povos pré-colombianos, africanos, indígenas etc. A supervalorização de determinadas culturas - por exemplo, a européia - em detrimento de outras é um ato discriminatório e que freqüentemente nos passa despercebido. Durante o período de colonização, a Europa elevou o *status* do que lhes era específico, ignorando e inferiorizando culturas diferentes da sua. Desse modo, a leitura da ciência européia como moderna é um tanto reducionista e discriminatória, como bem descreve Chassot (2003). Por isso, a necessidade de uma releitura

dessa Ciência.

Apenas o fato de o modo de vida de uns ser diferente do de outros não torna ninguém melhor ou pior, nem ao menos dá o direito de alguns se considerarem mais capazes. Entretanto, não foi isso o observado ao longo da história, sobretudo durante a colonização. Um exemplo claro foi a catequização dos índios pelos portugueses, os quais julgaram a sua religião melhor do que a indígena.

### Um primeiro passo rumo à igualdade

A postura de crianças e adolescentes sobre sua identidade pode ser de afirmação e valorização ou de negação e inferiorização de si mesmos, dependendo da forma como é trabalhada a auto-estima dessas pessoas, o que por sua vez depende de como familiares, meios de comunicação e educadores conhecem e abordam o assunto. Há de se levar para a escola e outros espaços o conhecimento produzido pela humanidade que não somente o da Europa. A disseminação de informações da rica diversidade cultural dos povos africanos emerge como uma importante estratégia de valorização dos negros para a superação da opressão etnocultural, pois mostra a participação e contribuição dos afrodescen-

dentes na sociedade (Silva, 2005).

A proposta inicial é suscitar o diálogo para o fortalecimento das discussões e intervenções em situações de discriminação, em geral ocultas na sociedade. Além de dados estatísticos sobre a situação dos negros no país, existem outros instrumentos para abalar o mito da democracia racial, aparentemente inconcusso em grande parte da população e também em nós, educadores. Uma sugestão para se iniciar o diálogo a respeito das questões discriminatórias e etnoraciais é o documentário *Boca de Lixo* de Eduardo Coutinho, no qual é retratada a vida de catadores de lixo, em grande maioria negros. Há alguns exemplos de questões que podem ser levantadas a partir do filme, por meio das quais é possível uma ampla e cuidada discussão: Por que a maioria dos catadores de lixo é formada por negros? Será que tal quadro se repete em cargos mais elevados? Além disso, o filme é um rico instrumento para se contextualizar conceitos químicos. Na Tabela 1, são apresentados alguns conteúdos e atividades, os quais podem ser trabalhados conjuntamente a discussão social.

A cana-de-açúcar, que hoje é uma das maiores potencialidades do Brasil em termos de agricultura, é provavelmente originária da África, mais especificamente da Nova Guiné. A

Tabela 1. Conteúdos e atividades divididos em etapas que podem ser desenvolvidas na discussão do tema lixo.

Etapas	Atividades	Conteúdos
1	Identificação e agrupamento de materiais presentes no lixo	Utilidades e aplicações, vida útil dos produtos, identificação de materiais orgânicos e inorgânicos
2	Estudo das propriedades macroscópicas	Densidade, pontos de fusão, condutividade térmica e elétrica, degradabilidade, propriedades organolépticas
3	Estudo da composição química	Elementos constituintes, tipos de ligações e substâncias formadas, correlação da composição com as propriedades
4	Estudo dos processos de obtenção da matéria-prima e de fabricação dos produtos presentes no lixo	Transformações físicas e químicas, alterações de propriedades em nível macro e microscópico, reações químicas, estequiometria
5	Reciclagem	Discussão da necessidade de tal prática, relação custo e benefício e processos químicos envolvidos (fundição, combustão etc.)

produção do açúcar é um processo que engloba conceitos químicos como separação de misturas, soluções e solubilidade. A discussão desse tema é relevante, pois durante o período colonial a produção de açúcar foi a base da economia brasileira, sendo movida pelos negros trazidos contra a própria vontade de suas terras de origem e forçados a trabalhar exaustivamente em condições subumanas. Esse é um exemplo típico de barbárie inconcebível, a qual resultou no maior processo de desumanização da nossa história, pois a diferença na cor da pele e no modo de vida tornaram-se sinônimos de inferioridade, fato que se reflete até os dias atuais. É impor-

**Devemos pensar mais do que ensinar Química ou Ciências, mas também educar com a Ciência e com a Química para combater a discriminação**

tante enfatizar a necessidade de uma leitura crítica dessa história por parte dos educadores, o que geralmente é ocultado nas escolas, aliada à apropriação social do conhecimento químico, o que pode ser perfeitamente alcançado com tal tema.

Essas são apenas algumas sugestões de assuntos que possuem grande potencialidade. Outros temas como as técnicas de metalurgia, mineração e agricultura desenvolvidas por povos africanos também podem ser utilizados em aula.

### Considerações finais

São muitos os aspectos da história africana que podem nos interessar,

e muito pode/deve ser desenvolvido, sobretudo em termos de materiais didáticos que abordem o pluriculturalismo brasileiro no Ensino de Química. Por isso, devemos pensar mais do que ensinar Química ou Ciências, mas também educar com a Ciência e com a Química para combater a discriminação. Esperamos com este breve ensaio que a comunidade de educadores químicos solidarize-se com a questão, para que em um futuro próximo possamos romper com essa situação opressora que prejudica não só os oprimidos, mas toda a sociedade.

**Wilmo E. Francisco Jr.** (wilmojr@bol.com.br), bacharel e licenciado em Química e mestre em Biotecnologia pelo Instituto de Química da UNESP de Araraquara, é mestrando em Educação na UFSCar e professor de Química do SENAC-Araraquara e do Afroara (Curso Pré-Vestibular para afrodescendentes e carentes de Araraquara).

### Referências

- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 43ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- CHASSOT, A.I. *Alfabetização científica*. 3ª ed. Ijuí: Unijuí, 2003.
- SANTOS, S.A. (Org.). *Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas*. Brasília: Ministério da Educação-Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC-SECAD), 2005.
- SILVA, P.B.G. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. Em: MU-

NANGA, K. (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2ª ed. Brasília: MEC-SECAD, p. 155-172, 2005.

THEODORO, M.; JACCOUD, L. Raça e educação: os limites das políticas universalistas. Em: SANTOS, S.A. (Org.). *Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas*. Brasília: MEC-SECAD, 2005.

### Para saber mais

- CAVALLEIRO, E. (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CHASSOT, A.I. *A Ciência é masculina?*

*É, sim senhora!* 2ª ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

FREIRE, P. *Educação como prática da Liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LOPES, N. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MUNANGA, K. (Org.). *Superando o racismo nas escolas*. 2ª ed. Brasília: MEC-SECAD, 2005.

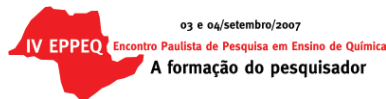
ROMÃO, J. (Org.). *História da Educação dos negros e outras histórias*. Brasília: MEC-SECAD, 2005.

**Abstract:** *Oppressor-Oppressed: A Dialog Beyond of the Ethnical-Racial Theme.* This paper aims to stimulate an open/expansion of the dialog between chemistry educators and ethnical theme. It is discussed some concepts of the Paulo Freire theory and a necessary overcome of the oppression situation from educative praxis. Besides, it is presented the dissemination of date about the role of African nations to the Brazilian history and to the scientific knowledge construction as the first stage to brek this oppression situation.

**Keywords:** Paulo Freire, discrimination, chemistry teaching

### Nota

## IV EPPEQ (Encontro Paulista de Pesquisa em Ensino de Química)



Nos dias 3 e 4 de setembro ocorreu, no IQUSP, o IV EPPEQ (Encontro Paulista de Pesquisa em Ensino de Química), com a participação entusiasmada de cerca de 180 pessoas entre alunos de graduação, pós-graduação e professores. Durante o evento, houve duas conferências e duas mesas redondas nas quais se discutiu a temática norteadora do Encontro, "A formação do pesquisador em Ensino

de Química". Além disso, 78 trabalhos foram apresentados em duas sessões paralelas, na forma de pôsteres e, deses, foram indicados pelo Comitê Científico 15 trabalhos para apresentações orais em sessões coordenadas.

Pela primeira vez, o EPPEQ não foi realizado simultaneamente a outros eventos afins. Dessa forma, foi reforçado o caráter em função do qual o EPPEQ foi criado, que é congrega pesquisadores acadêmicos do Ensino de Química para o debate de questões peculiares a essa área de pesquisa. Considerando que a institucionalização de programas de pós-

graduação em Ensino de Ciências e, em particular, na área de concentração de Ensino de Química, é ainda relativamente recente nas Universidades do Estado de São Paulo, o EPPEQ se constitui em oportunidade para o debate de problemas comuns às diversas instituições, para a troca de experiências entre elas, para a discussão de linhas de pesquisa e para a divulgação e debate de resultados de pesquisa entre os participantes dessa comunidade, sejam eles professores, pós-graduandos ou alunos de iniciação científica.

Daisy Rezende